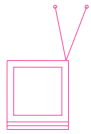


Para além da polarização: os novos blocos políticos



Nesta aula, vamos conhecer a ordem geopolítica mundial estabelecida entre o final da Segunda Guerra Mundial e o final da década de 1980 pela potência norte-americana, capitalista, e a soviética, socialista. Estudaremos, também, a nova ordem que vem sendo estruturada na década de 1990, em que a bipolaridade vai dando lugar a uma nova polaridade, agora disputada pelas mais fortes economias de mercado.



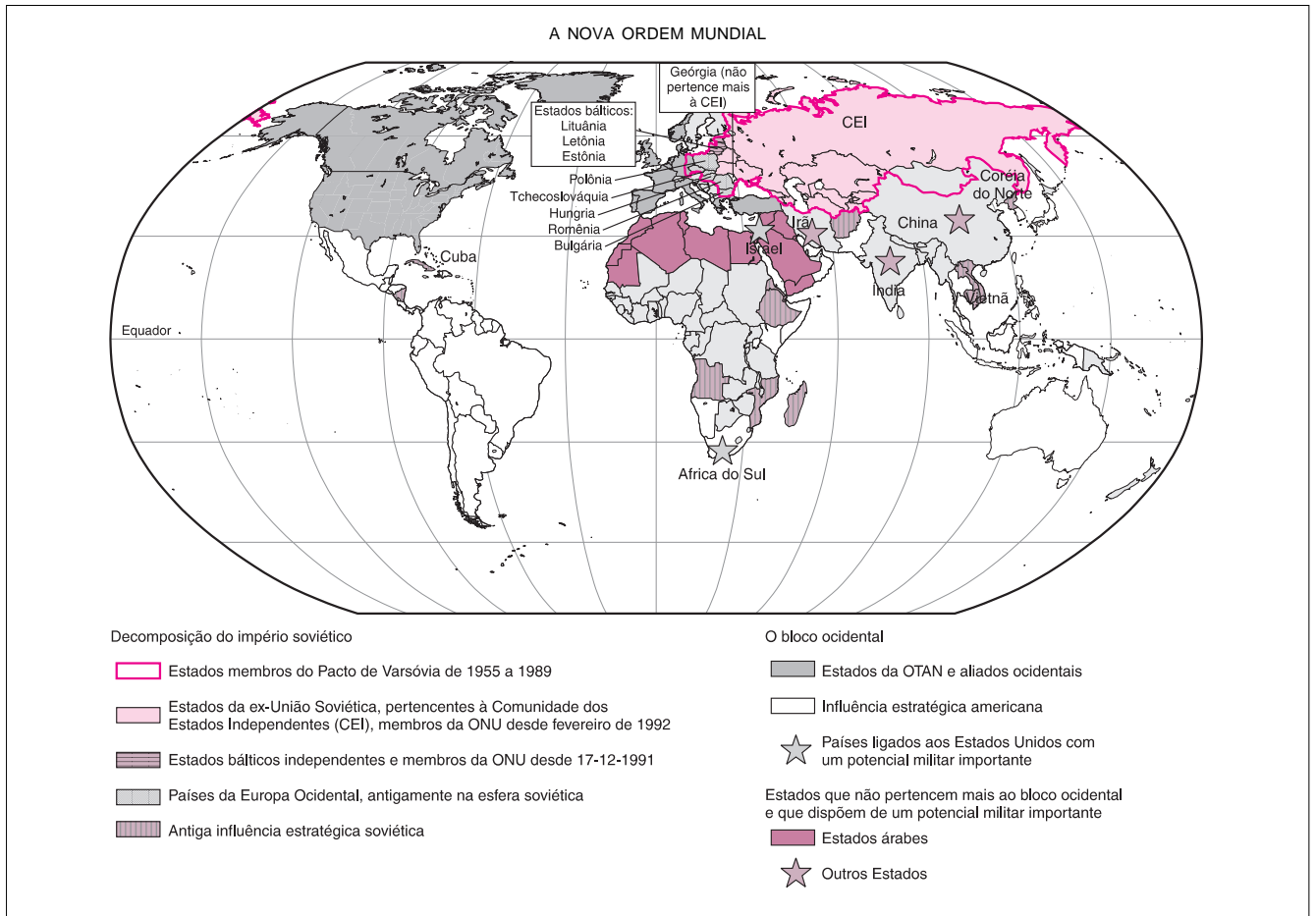
Qual será o desenho do novo mapa político do mundo após o fim da Guerra Fria? Qual a importância dos novos blocos geopolíticos da União Européia, da Bacia do Pacífico e do Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA) sobre os demais países do planeta?

Sem dúvida o mundo ficou muito diferente após o desmonte da União Soviética e o fim das economias centralmente planejadas do Leste Europeu. O poderio militar norte-americano se estende por toda a superfície da Terra, embora a economia da grande potência seja obrigada a compartilhar o mercado mundial com novos e poderosos parceiros, como o Japão, a Alemanha e a emergente China, o que permite supor que estamos assistindo à construção de um **mundo multipolar**.



Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo foi dividido em dois blocos ideológicos: um capitalista, polarizado pelos Estados Unidos, e outro socialista, cujo pólo era a União Soviética. Pólos antagônicos, tanto no plano econômico quanto no militar. Era o início da Guerra Fria que predominaria como força motriz da ordem geoestratégica mundial até 1989, quando o Muro de Berlim, um dos marcos mais ostensivos da bipolarização, foi derrubado, marcando concreta e simbolicamente a desestruturação do socialismo real e o fim da ordem mundial bipolar.

De 1945 até 1990, as questões geopolíticas se estruturaram em função da oposição leste-oeste. Os 45 anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial foram dominados, no plano das relações internacionais, pelo confronto entre americanos e soviéticos. Ao longo desse período ocorreram momentos nos quais as relações foram mais tensas; e outros, nos quais as relações entre as superpotências foram mais amenas, chegando-se até, entre 1956 e 1962, a uma situação de coexistência pacífica e, após 1985, a um período de aproximação entre os governos dos dois países.



A Guerra Fria significava o confronto de dois regimes políticos e de duas concepções econômicas, qualificadas como **capitalismo** e **comunismo**. Mas o confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética não era apenas uma oposição de diferentes concepções de sociedade ou, ainda, de diferentes formas de expressar a liberdade e a justiça. Era mais que isso. As duas superpotências lutavam pela hegemonia mundial procurando atrair, cada uma para o seu bloco, o maior número de países. Países esses que, segundo seu peso econômico-político no cenário mundial, passavam a ser aliados ou parte da periferia das superpotências.

No pós-guerra, a oposição entre os dois blocos era nítida. No plano militar, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) opunha-se ao Pacto de Varsóvia. No plano econômico, enquanto os países europeus organizavam-se para usufruir as vantagens da ajuda norte-americana, por meio do Plano Marshall, os países do Leste Europeu se estruturavam no Conselho de Ajuda Econômica Mútua (Comecom), sob a hegemonia soviética. Nesse período, restava aos demais países escolher a liderança e o ingresso num dos campos antagônicos.

O processo de descolonização, que se seguiu ao final da Segunda Guerra Mundial, deu origem a um grande número de países. E as superpotências, estimuladoras da descolonização, passaram a exercer, em numerosos casos, o papel das antigas potências coloniais. O espaço descolonizado transformou-se em local privilegiado para a competição leste-oeste. Aos países pró-soviéticos opunham-se os nitidamente pró-americanos. Somente os novos estados com dimensões continentais, como a China e a Índia, mantiveram esquemas políticos e econômicos próprios, gozando de significativa autonomia.

Pouco a pouco, foi se estruturando um terceiro bloco – o chamado **Terceiro Mundo** – não alinhado aos blocos já existentes. No entanto, a idéia de Terceiro Mundo foi maior do que o conjunto de países não alinhados que o compunha inicialmente. O Terceiro Mundo passou a ser pensado como o mundo subdesenvolvido. Nele, os Estados Unidos e a União Soviética se enfrentaram em numerosos conflitos, entre países ou no interior de um mesmo país, nos quais as partes em confronto se ligavam às lideranças da Guerra Fria. Nenhum desses conflitos fez uso de armas nucleares, mas eles foram responsáveis por mais de 30 milhões de mortes. No período 1945-1990, os conflitos se sucederam e a paz esteve sempre ameaçada.

No entanto, alguns fatos da segunda metade da década de 1980 prepararam caminho para o final da Guerra Fria. Em 1985, o primeiro ministro soviético Mikail Gorbachev, avaliando a situação política e econômica em que se encontrava a União Soviética, afirmou:

“Estamos percebendo um desgaste progressivo dos valores ideológicos e morais do nosso povo. Ele se manifesta na diminuição das taxas de crescimento e no mal funcionamento do sistema de controle de qualidade que não incorpora os avanços da ciência e da tecnologia. Os indicadores sociais, que atestam a melhoria da qualidade de vida crescem hoje mais lentamente e as dificuldades de atender às necessidades de abastecimento, de habitação, de bens e serviços são evidentes. A propaganda que alardeia os sucessos – reais ou imaginários – prevalece sobre todos os fatos. (...) As necessidades e as opiniões da massa trabalhadora são ignoradas (...) mas não podemos aceitar a estagnação. Nós não podemos aceitar a mentalidade de vulgares consumidores. Se nós aprendermos a trabalhar melhor, seremos mais honestos e cuidadosos uns com os outros, estaremos criando, então, um modo de vida verdadeiramente socialista.”

Gorbachev mostrava suas preocupações ao analisar as dificuldades soviéticas. Ele anunciou, em 1987, a necessidade de reestruturação da economia para fortalecer os princípios do socialismo. Segundo ele, a *perestroika* (reestruturação, em russo) elevaria o nível de responsabilidade social e as esperanças soviéticas. A *glasnost* (transparência, em russo) revelaria os privilégios ilegítimos e a sociedade soviética retomaria a estabilidade e o crescimento econômico.

Porém, no final de 1989, a União Soviética foi forçada a se retirar do Leste Europeu. A derrubada do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989, abriu caminho para a reunificação alemã, até então dividida entre os dois blocos. Em seguida, os países da Europa Central e Balcânica pediram a saída das tropas soviéticas dos seus territórios. Em 1991, o Comecom e o Pacto de Varsóvia foram dissolvidos.

Queda do Muro de Berlim.

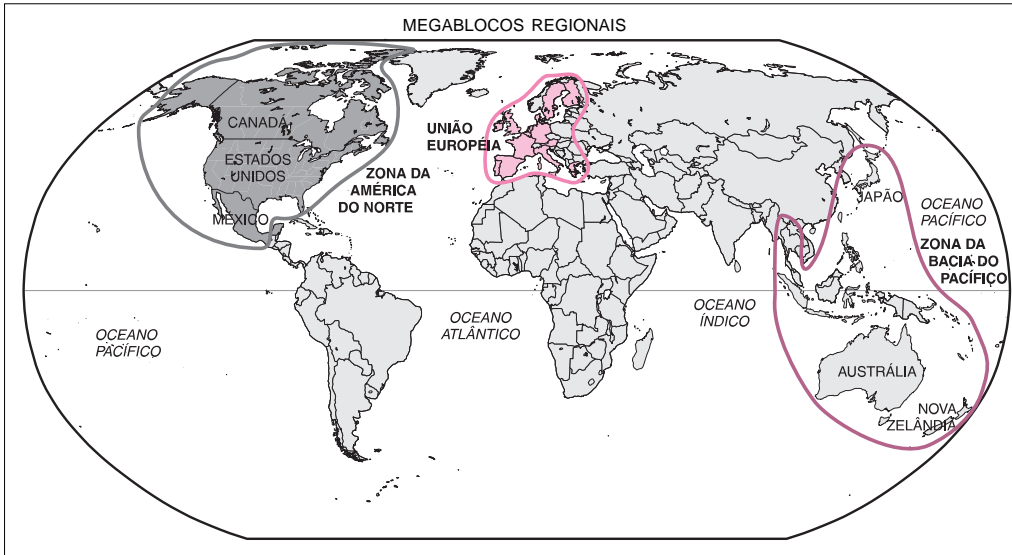


O império soviético viveu então uma crise econômica e política sem precedentes: tentativa de golpe militar, sublevações populares, revolução liberal. A União Soviética deixou de existir em 21 de dezembro de 1991.

Em seu lugar surgiram novos estados soberanos e independentes.

Contra essas forças de dissolução surgiu a idéia de formar uma Comunidade de Estados Independentes (CEI), reunindo doze das quinze ex-repúblicas soviéticas. Contrariando as expectativas, a CEI parece ter conseguido reunir as “ovelhas desgarradas”.

O esfacelamento da União Soviética significou a “vitória” americana. Após a intervenção no Golfo Pérsico, para punir a ação do Iraque na invasão do Kuwait, em janeiro de 1991, os Estados Unidos reafirmam seu papel de superpotência hegemônica e impuseram a *pax americana*, isto é, a paz americana semelhante à *pax romana* imposta pelas legiões, no Império Romano. Os Estados Unidos passaram a dominar a nova ordem mundial, o que, para alguns geógrafos, significa um **mundo unipolar**. Para outros, no entanto, o mundo pós-Guerra Fria é **multipolar**.

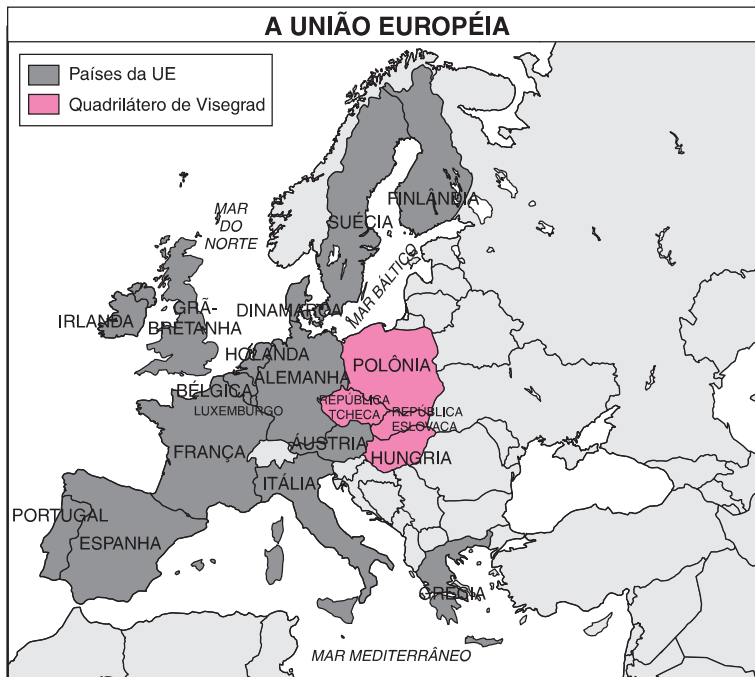


Os Estados Unidos são, sem dúvida, a primeira potência econômica, científica e tecnológica no mundo contemporâneo. Sua população dispõe de um alto nível de vida e sua sociedade aparece, em escala mundial, como um exemplo a ser seguido. A realidade americana exerce no imaginário coletivo mundial um efeito de demonstração impressionante: a liberdade, como bem inalienável, exercida nos limites da ação individual e dentro de um quadro democrático, é a sua identidade mais característica.

Ao final da Segunda Guerra Mundial o “dólar era tão bom quanto o ouro”. As decisões de Bretton Woods confirmavam a hegemonia econômico-financeira dos Estados Unidos. Hoje, essa posição não é tão tranqüila. A importância do déficit comercial e financeiro norte-americano traduz a “fome” de consumo da sua população e a internacionalização do seu sistema econômico.

Em 1º de julho de 1994, o vencedor da Guerra Fria aliava-se a uma potência média, o Canadá, e a um país em via de desenvolvimento, o México, com o objetivo de estabelecer uma zona de livre comércio entre eles. O Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) deveria promover a democracia do mercado e abrir as negociações com outros países latino-americanos, a fim de criar um grande mercado do Alasca à Terra do Fogo.

A Europa, abrindo mão dos nacionalismos – que a levaram, por duas vezes no espaço de uma geração, ao limite do caos –, vem procurando uma nova ordem política e econômica. A situação crítica do pós-guerra levou à assinatura do Tratado de Roma, em 1957, que criava a Comunidade Econômica Européia (mais conhecida como Mercado Comum). A população européia, de aproximadamente 400 milhões de habitantes, alcançou os mais elevados indicadores de qualidade de vida do planeta, além de um extraordinário dinamismo industrial e comercial.



O Tratado de Maastricht, que começou a vigorar em 1º de novembro de 1993, definiu as novas estratégias da União Européia (UE) – nova denominação para a Comunidade Européia. Graças a esse Tratado foram abolidas as últimas barreiras econômicas e definidas as estratégias para a adoção, em 1999, de uma moeda única, o **euro**, o que exigirá, dos países membros, importantes decisões econômicas e financeiras.

Em 1995, vários países candidataram-se ou manifestaram intenção de integrar a UE. A Áustria, a Finlândia, a Noruega e a Suécia tiveram suas candidaturas aceitas; os países do chamado grupo de Visegrad – Polónia, República Tcheca, República da Eslováquia e Hungria – demonstraram interesse em ingressar na UE, mas as negociações ainda não estão definidas.

Provavelmente, a União Européia deverá ser a primeira potência mundial, no século XXI, destacando-se no seu interior a economia alemã, que pode funcionar como um pólo dentro da UE.

O desaparecimento da Cortina de Ferro (que, durante a Guerra Fria, separava a Europa Ocidental da Europa do Leste) mostrou com clareza as diferenças que separavam os dois modelos de sociedade que estavam sendo estruturados. Enquanto a Europa Ocidental se organizava tendo como base a idéia de **liberdade**, a Europa do Leste se estruturava de acordo com o princípio da **igualdade**. O terceiro princípio da Revolução Francesa, a **fraternidade**, ainda não foi alcançado concretamente. A integração da Europa num projeto unitário poderá reunir os três princípios.

O Japão saiu da Segunda Guerra Mundial totalmente destruído. Pelos acordos de paz foi impedido de reconstituir sua base militar. Mas, em 1949, graças à mudança da política punitiva imposta pelos Estados Unidos, devido à comunização da China, o Japão reorganizou rapidamente sua base econômica.

Nos anos 30, o Japão pretendeu desenvolver um grande projeto político-militar que chamou de “co-prosperidade na Ásia do Pacífico”. Mas o avanço imperialista japonês terminou na Segunda Guerra Mundial e na sua rendição incondicional. O que o Japão não conseguiu militarmente, nos anos 30, está conseguindo realizar economicamente, graças aos investimentos de capital, nos anos 80. Durante a **crise do petróleo**, as indústrias tradicionais, grandes utilizadoras de mão-de-obra e consumidoras de matérias-primas, foram deslocadas para o leste e o sudeste da Ásia. O megabloco do Pacífico começava a se esboçar. Ao mesmo tempo, o Japão aplicou a reengenharia em suas empresas, alcançando o máximo de eficiência de seu sistema produtivo.

Em 1989, em Camberra (Austrália), definiu-se um novo bloco econômico – a Cooperação Econômica da Zona Ásia-Pacífico (Apec). A iniciativa de formação desse bloco coube à Austrália, que de tradicional cliente da Europa Ocidental está se transformando numa importante fronteira de recursos para o Japão, à medida que se integra ao bloco asiático.

As medidas políticas liberalizantes ocorridas na China abriram novas possibilidades aos capitais japoneses. A partir de 1979, com a abertura das **primeiras zonas econômicas especiais**, foram estimulados investimentos e transferência de tecnologia japoneses para essas áreas.

Durante a Guerra Fria, o Japão mantinha uma aliança político-militar estável com os Estados Unidos. Agora, entre os dois países estabeleceu-se uma relação econômica de concorrência. Ao mesmo tempo e em nome da competitividade, são feitas alianças bilaterais – IBM com Toshiba, Hitachi com Texas, Ford com Mazda –, mostrando que a cooperação é tão necessária quanto a rivalidade. Assim se pode explicar o aparecimento de produtos binacionais, trinacionais ou até quadrinacionais no mercado globalizado, desafiando as mais eficientes políticas protecionistas.

Em 1993 o governo japonês lançou a idéia de **pacifismo militante**, compromisso entre a renúncia à guerra – prevista na Constituição e com forte apoio na opinião pública – e a responsabilidade internacional. A retirada do “guarda-chuva” militar norte-americano pode significar o aparecimento de uma construção regional, de uma nova realidade política e social que dará sentido ao espaço Ásia-Pacífico.

O mundo geopolítico da Guerra Fria conviveu com os vinte anos gloriosos da economia capitalista que foram interrompidos, na década de 1970, com a crise do petróleo. Na realidade, a crise anunciava a necessidade de mudanças estruturais no modelo industrial que havia garantido o extraordinário crescimento econômico dos anos anteriores. A revolução tecno-científica, baseada na automação dos processos produtivos, aumentou a produtividade e diminuiu as necessidades de matérias-primas, de energia e de mão-de-obra. A pesquisa científica e o conhecimento passaram a ser os insumos mais importantes do processo produtivo. A incorporação de novas tecnologias exigiu grandes investimentos e os mercados consumidores deveriam ser ampliados na mesma escala.

A integração em mercados regionais, acima dos limites criados pelo Estado-nação, era, agora, uma exigência das grandes corporações, que passaram a liderar a economia globalizada. O surgimento dos blocos econômicos (Nafta, UE, Apec, Mercosul) é o resultado dessa política de ampliação dos mercados.

Os mercados ampliados, consolidados nos megablocos, aumentam a produtividade das empresas graças às economias de escala. Quando uma empresa ganha em eficiência, no interior do bloco, aumenta suas possibilidades de competir na economia globalizada, para além da polarização.

Nesta aula você aprendeu que:

- a **ordem geopolítica e geoestratégica** do período que vai do pós-guerra (1945) até 1989 era bipolar. Ela era constituída por **dois blocos antagônicos** tendo de um lado o **Primeiro Mundo** capitalista, com os Estados Unidos e seus aliados, e do outro, o **Segundo Mundo** socialista, com a União Soviética e os países do Leste Europeu;
- os países do **Terceiro Mundo**, com exceção da China e da Índia, estavam atrelados a uma potência ou a outra;
- na década de 1980, a União Soviética revelou ao mundo o descompasso existente entre a potência militar e econômica e a sociedade. O bloco socialista se desestruturou e vive, hoje, a experiência da transição de uma **economia centralmente planejada** para uma **economia de mercado**;



- desde a década de 1970, o bloco capitalista vem sofrendo uma grave crise, incluindo-se aí uma forte **competição** entre as potências que lideram os novos blocos econômicos. O **mundo bipolar** vai dando espaço a uma **nova ordem geopolítica multipolar**.



Exercício 1

Leia este texto com atenção.

“O mundo bipolar era a nova paisagem estratégica a que não apenas os povos europeus, de uma Europa dividida, deveriam se ajustar. Mas também da África, Oriente Médio, América Latina e outros que tiveram de se adaptar ou resistir durante o período da chamada Guerra Fria.”

Adaptado de KENNEDY, P. *Ascensão e Queda das Potências*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1989.

Desenvolva duas idéias apresentadas no texto.

Exercício 2

Apresente duas tendências da geopolítica mundial após o fim da Guerra Fria.

Exercício 3

Leia este texto com atenção.

“Até muito recentemente, os Estados Unidos davam as cartas como líder militar e econômico do mundo livre. Agora, o Japão parece ter usurpado o poder econômico. (...) Muitos dos desgostos dos Estados Unidos são obras deles mesmos, mas alguns preferem pôr a culpa no Japão, dizendo (...) que somos um parceiro desleal.”

ISHIHARA, S. *O Japão que sabe dizer não*. São Paulo. Siciliano, 1991.

Indique duas estratégias adotadas pelo Japão, após a crise do petróleo, para fazer frente aos Estados Unidos.